



O Narcisismo Digital e suas Implicações como uma Patologia na Pós-Modernidade

Ricardo Gomes



RICARDO GOMES

PSICANALISTA



Esse trabalho pretende investigar o comportamento narcísico e a existência de um narcisismo digital como uma patologia da pós-modernidade. O universo digital escancarou uma mudança comportamental onde o exibicionismo e o narcisismo estão fortemente presentes. O narcisismo apresentado por Freud ganhou uma ferramenta que o fez crescer de maneira exponencial que são as redes sociais. Mas nesse contexto será que é possível considerar o narcisismo praticado em exagero nas redes sociais uma nova patologia na pós-modernidade? Sob esta ótica este trabalho torna-se bastante relevante já que se soma a tantos outros trabalhos acadêmicos que, de alguma forma, apresentam objetivos parecidos e engrossam as fileiras dos que estudam novas patologias no século XXI. A psicanálise é uma ciência em constante evolução e carece de pesquisas com vários olhares e vertentes. Dessa forma, esse artigo pode ajudar e servir de referência para novos estudos confirmando sua importância. O objetivo geral deste trabalho é o de investigar se é possível considerar o comportamento narcísico na era digital como uma patologia da pós-modernidade. Como ponto de partida conceitual será considerado o narcisismo apresentado por Freud em 2014.

No que tange aos objetivos específicos, esse trabalho irá identificar as características do narcisismo, conceituar e descrever características da pós-modernidade, descrever as características do comportamento narcísico na era digital e investigar características patológicas que por ventura possam existir.

Quanto à metodologia, o referido trabalho terá uma abordagem qualitativa, quanto aos fins será exploratório e descritivo e finalmente quanto aos meios será bibliográfico.



Compreendendo o conceito de narcisismo e sua presença no universo digital

Uma pesquisa um pouco mais profunda sobre o narcisismo na atualidade pode confundir um incauto leitor já que o conceito se popularizou e passou a ser usado em situações em que, muitas vezes, o mesmo não se aplica da maneira adequada. A esse respeito, Cristóforo et. al (2018) sugerem que o uso do termo, de forma indiscriminada, pode ter levado a uma vulgarização passando a ser usado nas mais diversas áreas do conhecimento.

A sociedade atual é marcada pelo surgimento e avanços das novas tecnologias que facilitam a propagação de teorias, informações, conceitos e etc em fração de segundos. Essa mesma tecnologia é responsável pelo acesso diário de bilhões de usuários em busca de novidades, entretenimento e de destaque para o próprio Ego. Às vezes isso acontece de forma desmedida e quase doentia, o que representa um prato cheio para o desenvolvimento do comportamento narcísico.

O termo narcisismo ganhou espaço a partir do uso por Christopher Lasch no livro "A Cultura do Narcisismo". Mas foi a partir de seu uso por Freud que o mesmo se popularizou com novos contornos que serviram de referência no universo psicanalítico. Cristóforo et. al (2018, p. 142) apresentam um breve relato biográfico sobre o uso do conceito do narcisismo tanto no campo jurídico como no campo clínico quando relatam que o termo é usado pela primeira vez em 1887 por Alfred Binet que na época o apresenta como uma forma de fetichismo. Existe registro de novas utilizações do termo em 1898 por Havelock Ellis, mas dessa vez como autoerotismo, uma perversão em que o prazer reside no próprio corpo. Em 1899 Paul Näcke apresenta o termo narcisismo relacionado a psiquiatria. Zimmerman (1999, p. 156) descreve algumas definições para o narcisismo apresentadas por diversos autores que são reproduzidas a seguir:

- "Um investimento da libido sobre o ego"

- "Um tipo de identificação: diante da perda de um objeto, o self transforma-se à imagem e semelhança desse objeto perdido, como menciona Freud em Luto e Melancolia".

- "Uma forma de identificação primária, sobre um registro do imaginário, quando a criança se identifica, especularmente, com um duplo de si mesmo conforme Lacan sobre a etapa do espelho".

- "Uma personalidade narcísica como um conjunto de traços, características e atitudes, entre outros, uma megalomania, que determina uma forma de ser e de viver".



Compreendendo o conceito de narcisismo e sua presença no universo digital (continuação)

Mas o que caracteriza um indivíduo narcisista? Vale ressaltar que nesse texto, o narcisismo está sendo observado como patologia. Uma pessoa capaz de ter verdadeira adoração por si ou partes do seu próprio corpo, uma pessoa que beija seu próprio corpo e sente alguma excitação, alguém incapaz de ter empatia e de pensar somente em si, alguém que sofre por não ser admirado e elogiado por outras pessoas, uma pessoa capaz de mentir para conseguir elogios, uma pessoa que busca, de forma inconsciente ou insequente, mudanças corporais, única e exclusivamente, para conseguir reconhecimento e, quem sabe, alguns cliques em redes sociais. Esses são exemplos simples que podem identificar um indivíduo que precisa de acompanhamento terapêutico para tratar o narcisismo como patologia. Ressalta-se que o narcisismo é importante na constituição do Eu o que Freud (2010) chamou de narcisismo primário. Ainda segundo o autor, os seres humanos tomam como referência os dois objetos sexuais originalmente por ele reconhecidos, sendo ele mesmo o primeiro e como segundo a mulher que o cria, a mãe, e dessa forma se configura o narcisismo primário de todo indivíduo. Até esse ponto não existe nada que não seja saudável e necessário, por essa razão não pode ser considerado desvio ou traços patológicos.

O narcisismo se firma como uma patologia social que está presente no DSM-V. Nele, o narcisismo é considerado uma patologia no grupo das desordens de personalidade classificado como desordem narcísica. Lowen (2017, p. 7), apresenta uma definição que corrobora com a ideia acima quando diz que "o narcisismo descreve uma condição psicológica e uma condição cultural. No nível individual, indica uma perturbação da personalidade caracterizada por um investimento exagerado na imagem da própria pessoa". Freud apontava a dificuldade de se estabelecer um relacionamento transferencial com um narcisista já que, como analisando, o sujeito não responderia ao tratamento pela dificuldade de se relacionar com o outro. Sua libido estaria sempre voltada para o próprio eu. Diante dessa constatação, Freud define a hipocondria, a melancolia e a paranoia como patologias inseridas no quadro de neuroses narcísicas.



Compreendendo o conceito de narcisismo e sua presença no universo digital (continuação)

Freud descreve no texto Introdução ao Narcisismo citado por Zimerman (1999, p. 160) que:

“o ego ideal é o herdeiro direto do narcisismo original; logo, ele apresenta ser o pólo das ambições pessoais...O ideal de ego representa o pólo em que o sujeito sente-se na obrigação de cumprir os ideais e as expectativas provindas dos pais e da sociedade”.

Recorrendo a outra explicação de Freud (2010, p. 40), é possível reforçar esse entendimento sobre o Eu Ideal e o Ideal de Eu:

A esse Eu Ideal dirige-se então o amor a si mesmo, que o EU real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pode mantê-la, perturbado por admoestação durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do Ideal de eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido na infância, na qual ele era seu próprio ideal”.

Ser narcisista, aos olhos do leigo, é sempre uma condição pejorativa, pouco entendida e aceitável. Não se deve esquecer que existe o lado positivo e saudável do narcisismo. Nesse caso ter boa autoestima, gostar de si mesmo, ter amor e orgulho próprio, ter valores e atitudes positivas que se alinham com o comportamento comum de alguém sadio é normal e deve ser valorizado .



A pós-modernidade e suas características

O conceito de pós-modernidade não é novo, mas também não está ultrapassado. Ele aparece de forma recorrente em vários campos do saber como por exemplo na filosofia, sociologia, história, artes, estudos políticos, estudos organizacionais e também na psicanálise. Uma busca pelo termo nos portais de busca como Google ou Google Acadêmico revelará uma infinidade de conteúdos e artigos sobre o tema.

A pós-modernidade marca um período de transição e transformações às vezes não muito bem marcadas quanto a temporalidade exata do processo de mudança entre a modernidade e a pós-modernidade. Diante dessa complexidade alguns autores procuram listar características que marcam diferenças bem definidas entre a modernidade e a pós-modernidade. Outros dizem não ser possível já que a pós-modernidade pode não passar de uma modernidade tardia. Segundo Incontri e Bigheto (2008) a modernidade se basearia na ideia de que a razão iluminista poderia levar o mundo à emancipação o que não se traduziu numa realidade. Então, dessa forma, tais promessas continuariam válidas, mas a modernidade passaria a ser considerada como algo a ser superado abrindo espaço para uma nova fase chamada pós-modernidade marcando-a assim como um modelo moderno de desenvolvimento.

Uma série de avanços na divisão do trabalho, no uso de novas tecnologias nas indústrias e no setor de serviços marcam uma nova sociedade pós-industrial que se integra à pós-modernidade. De Masi (2003, p. 51) trás alguns exemplos que marcam muito bem essa evolução presente na rotina diária do cidadão comum que não se dá conta dos aspectos sociais e filosóficos que elas representam e nem dos custos psíquicos envolvidos. Entre elas estão: inteligência artificial, pressão pela produção de ideias capazes de aumentar a produtividade, biogenética, aumento das pressões sobre as organizações para o aumento da qualidade de vida dos colaboradores, crescimento dos movimentos sociais, movimentos para solidariedade social, aumento da personalidade narcísica, educação a distância, trabalho em home office, preservação do meio ambiente, sustentabilidade, vigilância permanente sobre as ações de pessoas, governos e empresas, busca pela longevidade e prazer entre outros.



A pós-modernidade e suas características (continuação)

Baudrillard posteriormente, viria intensificar esse debate ao dedicar-se aos estudos dos aspectos da indústria cultural e do consumismo que estariam inseridos dentro da pós-modernidade, Cotrim (2008, p. 214). O filósofo afirmava também estarmos vivendo na hiper-realidade dentro da pós-modernidade. "A hiper-realidade estaria relacionada a capacidade da mídia de criar uma realidade virtual que substituiria, para os indivíduos, a própria realidade" com a ajuda da comunicação e das novas tecnologias. Para Lyotard (2011, p. 34) "em uma sociedade em que a comunicação se torna cada vez mais proeminente (...) fica claro que a linguagem assume uma nova importância".

O que se percebe é que essa transição da modernidade para pós-modernidade é marcada por uma renovação de ideias, forma de ver o mundo e a capacidade de inovação, rompendo com valores vistos como ultrapassados por uma sociedade mais esclarecida e impactada por mudanças permanentes. A pós-modernidade rejeitaria a estabilidade pela sua impossibilidade dentro de um novo contexto marcado pela alta volatilidade de ideias e tecnologias. Que o diga o universo digital e seus usuários. A internet e a facilidade criada para circulação de imagens de todos os tipos, vídeos e textos modificaram a vida cotidiana e o nível de exigência dos indivíduos, assim como seus comportamentos. Pode-se dizer que o narcisismo ganha uma nova cara a partir dessa evolução já que mudanças constantes geram novas exigências, impõe novos modelos e estilos de vida, novos estereótipos de beleza e comportamento e trás, a reboque, novas formas de sofrimento. Para os que não conseguem acompanhar tantas mudanças fica uma sensação de incompletude e vazio. Sobre o vazio como uma característica do narcisismo na sociedade pós-moderna Panizzi e Mello (2018) chamam atenção para o fato de que os indivíduos tentam preencher esse vazio por meio do consumo de medicamentos, alimentos, terapias, massagens, exercícios, academias de ginásticas e tantos outros recursos capazes não só de ocuparem esse vazio, mas também de os colocarem numa posição de superioridade ou destaque em relação aos outros indivíduos. Talvez os pontos descritos acima possam se encaixar como um mal-estar da atualidade e também tenham favorecido o surgimento de um sujeito neoliberal



Antes de tudo vale identificar as características do que chamamos de sujeito neoliberal. Mas para tal compreensão é necessário abrir uma lacuna para melhor compreender o neoliberalismo e seus impactos globais na vida desse sujeito.

Para Dardot e Laval (2016, p.322), "a concepção que vê a sociedade como uma empresa constituída de empresas necessita de uma nova norma subjetiva, que não é mais exatamente aquela do sujeito produtivo das sociedades industriais" Para os autores este homem neoliberal é competitivo, totalmente imerso na competição mundial. Os autores ainda chamam atenção para o fato de que no neoliberalismo a liberdade dos sujeitos econômicos pressupõe, em primeiro lugar, a segurança dos contratos e a busca de um quadro de estabilidade econômica evitando oscilações que levem os atores deste cenário a uma insegurança e imprevisibilidade do que pode vir acontecer a qualquer momento.

Para Han (2021, p. 11) "o sujeito de hoje, voltado narcisicamente para o desempenho superior, está em busca de um sucesso permanente". Existe nesse contexto, ainda que nem sempre explícito, dois lados de uma mesma moeda. Alcançar resultados que confirmem esse desempenho superior, busca por satisfação, reforço da vaidade e do sentimento de superioridade. Mas quando isso não acontece, o outro lado dessa mesma moeda abre o espaço para um sentimento de luto narcísico, já que parece que uma parte de si foi arrancada ou que ele é incompleto e a libido é toda redirecionada para o eu. Nesses casos, encarar o mundo, em especial o universo profissional, torna-se complexo chegando causar até um sentimento de vergonha em determinadas pessoas. Esse estado, quase depressivo, faz com que o sujeito piore ou desenvolva novas afecções.

A busca pelo prazer e realização por meio do trabalho é uma realidade. Mas para alguns essa busca pelo sucesso e reconhecimento pode se tornar angustiante quando estes não chegam e quando tem que se submeter a trabalhar única e exclusivamente pela sobrevivência. Os meios de comunicação contribuem com esse sentimento de frustração quando apresentam, por meio da publicidade, os modelos ideais de felicidade, prazer, trabalho e sucesso gerando um conflito psíquico e uma distância cada vez maior entre o que se é e o que se tem e o que se gostaria de ser e de ter.

uma visão atenta para o futuro das teorias psicanalíticas que poderão fazer grande diferença para aqueles recorrerem aos profissionais de psicanálise



"A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas a sociedade do desempenho" Han (2021, p. 24). Para o autor, a sociedade do desempenho produz depressivos e fracassados. Logicamente que a ideia de fracassados depende do ponto de vista, de outras pesquisas e avaliações, mas no que se refere aos depressivos talvez não seja difícil perceber nos atendimentos clínicos. Para elevar a produtividade é comum reforçar o discurso motivacional de altos ganhos para induzir o bom desempenho onde teoricamente todos ganham, mas que na prática não é exatamente assim.

Ainda existe uma corrente que acredita que tudo se resume ao dinheiro. A visão economicista se mantém firme a concepção de que o comportamento humano é explicado única e exclusivamente por fatores econômicos o que pode ser questionável se considerarmos o comportamento das gerações atuais digitais que chegam ao mercado de trabalho priorizando bem estar, respeito, possibilidade de contribuir com novas ideias, de interagir com liderança e não colocando a questão financeira em primeiro plano.

A busca pelo prazer e realização por meio do trabalho é uma realidade. Mas para alguns essa busca pelo sucesso e reconhecimento pode se tornar angustiante quando estes não chegam e quando tem que se submeter a trabalhar única e exclusivamente pela sobrevivência. Os meios de comunicação contribuem com esse sentimento de frustração quando apresentam, por meio da publicidade, os modelos ideais de felicidade, prazer, trabalho e sucesso gerando um conflito psíquico e uma distância cada vez maior entre o que se é e o que se tem e o que se gostaria de ser e de ter.

uma visão atenta para o futuro das teorias psicanalíticas que poderão fazer grande diferença para aqueles recorrerem aos profissionais de psicanálise



O narcisismo digital como possível patologia na sociedade pós-moderna

Para iniciar vale lembrar que a patologia caracteriza-se por um estudo que investiga alterações nos organismo ou na psique causada por doenças. Em tempos de mundo conectado por meio do universo digital que serve como vitrine para todo tipo de manifestações e comportamentos, e que visa fazer seus mensageiros, as vezes a todo custo, aparecerem, se destacarem e ganharem visibilidade, tem feito com que ideias do tipo “vivemos num mundo narcísico ou numa cultura narcísica” tenham se tornado popular e isso pode ser um sintoma. Esse comportamento pode ser encarado como uma patologia. Cristóforo et. al (2018, p. 158) sugerem que “tais expressões serviram de mote a teorias sociais que operam uma espécie de redução epistemológica do termo e se tornam, por que não dizer, uma comodidade intelectual. Sociedade do consumo, sociedade da informação, aldeia global, sociedade do espetáculo e etc. são exemplos dessa estratégia que parece ter o mérito de identificar algo de fato relevante, mas que simplifica a busca de algum domínio causal no contexto social”.

A Escola de Frankfurt e a teoria crítica deram uma forte contribuição ao apresentarem aspectos teóricos da psicanálise ao movimento intelectual por seus pensadores envolvidos. Adorno e Horkheimer, filósofos e pensadores da teoria crítica, propagam o conceito do narcisismo por reconhecerem a importância no contexto social da época e a relação com um modelo de pensamento que buscava beneficiar apenas uma classe esclarecida e capaz de usar a razão instrumental para pensar e beneficiar a si somente. A razão era usada como instrumento como meio para atingir determinados fins como a autoconservação de certos indivíduos em detrimento de outros que não tinham conhecimento ou cultura capaz de discernir sobre o que, no fundo, estava acontecendo. Tal fato fez com que muitos encarassem a sociedade como de comportamento narcísico onde alguns olhavam para si como peça principal de um jogo de tabuleiro.

A vida na pós-modernidade é marcada por uma centralidade no sujeito, com incentivo ao consumo, culto ao belo e ao corpo. Existe uma efemeridade onde tudo é passageiro e as relações não se sustentam em sua maioria. Essas relações se dão via redes sociais onde o sujeito tem muitos amigos e ao mesmo tempo não tem relações afetivas e duradouras com quase ninguém. O que importa é sempre o próprio ser ou a busca de um reconhecimento permanente por meio de likes e o outro não tem a mesma importância. Lejderman e Pot (2020) reforçam esse pensamento quando afirmam que a vulnerabilidade na autoestima do narcísico o torna muito sensível a críticas ou derrotas, deixando neles uma sensação de humilhação, degradação e vazio existencial.



O narcisismo digital como possível patologia na sociedade pós-moderna (continuação)

A coletividade é substituída pela individualidade. Seria esse um sintoma da vida moderna? Seria uma patologia que poderia ser chamada de narcisismo digital ou tudo isso é só uma característica da Modernidade Líquida e da Sociedade do Espetáculo? Cristóforo et.al apud Lasch (2018, p.160) relata que "seria interessante compreender em que medida a sociedade, ao incitar o narcisismo dos indivíduos, pode fornecer as bases para uma cultura do narcisismo, marcadamente patológica". Essas são questões instigantes e desafiadoras que pairam nas mentes e consultórios de muitos psicanalistas, psicólogos e psiquiatras.

A internet é a principal ferramenta de comunicação e só no Brasil 81% acessou a internet em 2021 segundo a pesquisa TIC Domicílios divulgada pelo portal de notícias do G1. Essa magnitude permite concluir que ferramentas como emails, mensagens, posts em redes sociais garantem uma comunicação instantânea de todo tipo de mensagem dos mais diversos tipos e objetivos e entre eles estão o de produzir visibilidade para fatos e pessoas com as mais diversas intenções e entre elas estão o que se pode chamar de "intenção narcísica".

Outras situações podem servir de exemplos que marcam um distanciamento de uma condição saudável do uso das redes sociais. Para muitas pessoas o mais importante é postar intensamente uma visita a um museu por exemplo do que contemplar o belo e o momento. A intenção aparentemente é mostrar o que aquela pessoa está fazendo, onde está ou o que tem transmitido, a ideia de sucesso, superioridade, vitória e orgulho de uma possível conquista e se causar inveja nos outros pode ser ainda melhor. Em muitos desses casos a pessoa tenta projetar algo que não é verdadeiro. Projetar uma felicidade que não existe. Uma situação financeira favorável que não se confirma na realidade. Uma imagem editada que transmite em beleza ou um corpo perfeito que nem de longe passa perto da verdade. Esses desvios, em muitas situações, merecem uma investigação por parecerem traços de um narcisismo patológico. Mas talvez não seja tão simples demarcar essa diferença entre o saudável e o não saudável em se tratando de um comportamento nas redes sociais. Definir o limite do patológico do não patológico é o desafio.



O narcisismo digital como possível patologia na sociedade pós-moderna (continuação)

A realidade do universo digital transforma, metaforicamente falando, o telefone celular numa arma para os que chamamos aqui de "narcisismo digital". Ele, de posse dessa arma, é capaz de ferir e ser ferido emocionalmente. Tal indivíduo pode se tornar um dependente do próprio aparelho como se o mesmo fosse uma parte de si. Sua ausência pode causar desespero, sensação de impotência ou isolamento, crises de ansiedade, falta de concentração e agressividade. Afinal, sem a posse do aparelho a possibilidade de exibicionismo e autopromoção fica comprometida e o sujeito não consegue ver e nem ser visto. Essa pessoa torna-se dependente de likes. Muitos likes podem ser sinônimo de sucesso e reconhecimento e o inverso pode ser nefasto representando o fracasso, o não reconhecimento do sujeito como ele espera sempre. Uma interessante colocação de Freud (2010, p, 34) transmite uma ideia do comportamento narcísico numa época em que não existia a internet, mas que já existiam pessoas nas artes e na literatura com comportamento que se assemelha ao que assistimos hoje. Ele nos diz que:

“O narcisismo de uma pessoa tem grande fascínio para aquela que desistiram da dimensão plena de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal; a atração de um bebê de deve em boa parte ao seu narcisismo, sua autossuficiência e inacessibilidade, assim como a atração de alguns bichos parecem não se importar conosco, como gatos e os grandes animais de rapina; e mesmo o grande criminoso e o humorista conquistam o nosso interesse, na apresentação literária, pela coerência narcísica com que mantêm afastados de seu EU tudo q que possa diminuí-lo”.

É possível perceber a atualidade do pensamento Freudiano que foi elaborado, desenvolvido e aprofundado em outro contexto histórico e social. Nos dias atuais é possível perceber que, apesar do avanço dos estudos teóricos e práticos de seus discípulos, essa realidade permanece no contexto da pós-modernidade como descritas no tópico anterior.

Conforme Panizzi e Mello (2018) isso reforça que o indivíduo tem buscado a satisfação e contemplação excessiva do Eu. Uma busca pela realização de si mesmo como uma demonstração clara de narcisismo onde ele procura direcionar todos os olhares para si na tentativa de ocupar um vazio emocional, muitas vezes, por causa de um sentimento de inferioridade ou abandono que carrega desde criança causado por alguma falha durante o narcisismo primário e a formação do Eu que o leva a se imaginar o umbigo do mundo.



Como dito na introdução deste trabalho, o objetivo geral é o de investigar se é possível considerar o comportamento narcísico na era digital como uma patologia da pós-modernidade. Para isso, foi feito um estudo que procurou caracterizar o nervosismo recorrendo a diversos autores garantindo uma arcabouço teórico bastante interessante e que garantiu um embasamento e aprofundamento do narcisismo, suas características e tipo de sofrimento imposto. Recorreu-se, principalmente, aos conceitos ou ideias preconizadas por Freud.

A ampliação, por meio de pesquisa bibliográfica, de conhecimentos sobre o uso das redes sociais por meios de práticas narcísicas como forma de aplacar um possível vazio emocional capaz de gerar sofrimento foi determinantes para o desenvolvimento de um olhar capaz de vincular ou detectar o que pode ser chamado oficiosamente de narcisismo digital. Se percebeu que buscar essa confirmação, de forma definitiva, para o narcisismo digital como patologia, não é uma tarefa simples. Foi possível perceber que esse comportamento gera sofrimento aos que desse mal sofrem.

Cabe aqui refletir se existe uma solução ou um caminho que evite ou acabe com todas essas possibilidades de sofrimento? Parece ser um beco sem saída, um desânimo ou desilusão quanto ao futuro e o que ele nos reserva quando pensamos em bem estar psíquico, mas talvez a resposta seja, ainda que contra gosto, um sonoro não. Talvez um dia se torne mais fácil de ser classificado como patologia quando a classificação de narcisismo digital passar a fazer parte do Manual de Transtorno Estatístico de Transtornos Mentais - DSM.

O referido trabalho também ajudou a descobrir, descrever e entender melhor o conceito de pós-modernidade e seus impactos na vida do indivíduo, da sociedade e do mundo corporativo. A pós-modernidade ao mesmo tempo que trouxe avanços significativos, também trouxe novas exigências e um desmedido aumento da competitividade num contexto econômico já altamente complexo que chamamos de modelo neoliberal. A competitividade, a volatilidade e a produtividade devem continuar ditando as regras mercantis por muito tempo. Por outro lado, a necessidade de sobrevivência e dependência do dinheiro é permanente. Grandes ganhos exigem grandes sacrifícios, exigem superar o outro, exige se destacar e ser melhor sempre e isso significa, para alguns, o caminho para o estrelato digital onde o Eu é a peça mais importante em detrimento dos outros para aquele que apresenta traços patológicos narcísicos.

Na sociedade atual recorre-se cada vez mais a todo tipo de recurso para amenizar a ansiedade, depressão e tantos outros sintomas marcantes na pós-modernidade. O uso de medicamentos como os antidepressivos visando restabelecer a saúde mental passa a ser um mecanismo recorrente para se alcançar a capacidade funcional e produtiva do sujeito Han (2021). Este sujeito vive numa corrida na gaiola competindo consigo mesmo dando o melhor de si para superar-se continuamente. É uma realidade cruel de uma sociedade narcísica que deve perdurar impondo vitórias e alegrias para alguns e forte sofrimento para muitos.



► Referência bibliográficas

COTRIM, Gilberto. Fundamento da Filosofia. São Paulo: Editora Saraiva, 2008.

CRISTÓFARO, et.al. Patologias do Social - Arqueologias do sofrimento psíquico - Orgs. Vladimir Sofatle, Nelson Junior, Christian Dunker. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

DARTOT, Pierre & LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE MASI, Domenico. A Sociedade Pós Industrial. São Paulo: Senac Editora, 2003.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia - Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Vol 12.

HAN, Byung-Chul. Psicopolítica - O neoliberalismo e as Novas Técnicas de Poder. Tradução de Maurício Liensen. Belo Horizonte: Âyné, 2021.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

INCONTRI, Dora, BIGHETO, Cesar. Filosofia - construindo o pensar. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

LEJDERMAN, Betina, ZOT Jussara Dal. Narcisismo e redes Sociais. RBPsicoterapia - revista Brasileira de Psicoterapia, Porto Alegre, v.22, n. 2, agosto.2020.

LOWEN, Alexander. Narcisismo - A negação do Self. São Paulo: Summus editorial, 2017.

LYOTARD, Jean-François. A Condição Pós-Moderna. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

PANIZZI, Bárbara Glória Fritsch, MELLO, Magda Medianeira. Patologia do Vazio na Contemporaneidade: Uma revisão da literatura. Portal dos Psicólogos, Rio Grande do Sul, setembro/2018.

ZIMERMAN, David E. Fundamentos Psicanalíticos - Teoria, técnica e clínica - Porto Alegre: Artmed, 1999.

Pesquisa TIC Domicílios 2021. Disponível em: <[www. G1.com.br](http://www.G1.com.br) >. Acesso em: outubro. 2022.

▶ Ricardo Gomes

Currículo lattes/CNPQ: Ricardo Gomes

<http://lattes.cnpq.br/1303826464609815>

Psicanalista em formação permanente, Mestrando em Administração, MBA em Gestão Empresarial, MBA em Marketing e Graduado em Marketing. Professor universitário, Colunista mensal sobre psicanálise, Professor de Metodologia da Pesquisa Psicanalítica, Marketing e outros conteúdos. Mentor de desenvolvimento pessoal e profissional na ONG Generation Brasil, Consultor Educacional e de Competências Socioemocionais na Escola da Inteligência do Dr. Augusto Cury. Diretor do Clube do Treinamento para desenvolvimento pessoal e profissional, desenvolvimento de equipes e professor de oratória. Coach pela Sociedade Latina Americana de Coach - SLAC, credenciado pela International Association of Coaching - IAC, pelo Professional Coaching Alliance - PCA, pela Association for Coaching - AC e pela European Mentoring e Coaching Council - EMCC. Também possui a formação de Analista Comportamental pela ATOOLS Soluções para Recursos Humanos. Formação em Hipnose Clínica pelo pela Sociedade Brasileira de Pesquisa em Hipnose Clínica - SBPHC, Formado em oratória e técnicas de apresentação por Marcondes e Barucke Comunicação Empresarial.



RICARDOGOMES
PSICANALISTA





(21) 99972-1226



atendimento@clubedotreinamento.com



www.clubedotreinamento.com/nucleoanalitico

Fale conosco



RICARDOGOMES
PSICANALISTA

